

Gravação: 2120388

Duração do Áudio: 00:24:47

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não Identificado
Orador B	Xamandu Costa
Orador C	Não Identificado
Orador D	Não Identificado

Orador A: Mil novecentos e oitenta e dois, é... depois quando termina a Guerra da Malvina, não é? Vim ao Rio Grande do Sul e estava indo caminho a São Paulo, onde já havia estado, já tinha morado em São Paulo. Vinha entregar uma encomenda que me [inint] [00:00:53] em uma cidade de aqui do Rio Grande do Sul que chama Passo Fundo. Para... para uma família de sobrenome Costa. A família, [às vezes], se compunha de ele, a esposa, dois filhos, não? E... e... menores ainda, bem menores, não? Um de nove anos e um menino, né? De um ano. E... nunca mais saí daqui. Sendo que, é... esse menino de um ano... de um ano, da família Costa, ele se cria praticamente do meu lado porque jamais nos separamos e sempre tivemos vizinhando, [inint] [00:01:34]. Esse menino... e hoje uma maravilhosa [inint] [00:01:40] para o mundo todo, não? Ele brasileiro, ele de Passo Fundo. Eu... eu no... [inint] [00:01:49]. Não? Essa menino. Esse menino.

Orador B: Meu nome é Xamandu Costa. Eu nasci em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, em mil novecentos e oitenta, numa família extremamente musical. Me criei nessa vida de músico e... [inint] [00:04:38] um músico de coração. Meu pai e minha mãe se conheceram, é... acho que na década de setenta, se apaixonaram e saíram a viajar juntos. Cantar juntos. Se conheceram através da música e... e constituiu família nessa região de Passo Fundo, há... animando bailes. Então, meu pai e minha mãe, quer dizer, criaram um grupo musical chamado Fronteiriços. E a gente foi nascendo nesse meio tempo e crescendo nesse ambiente totalmente musical, tinha saraus, enfim, fazer comida e ficar em volta de fogão, naquele clima de inverno, tal, recebendo muitos músicos de fora, o tempo inteiro, como no caso do Lúcio [inint] [00:05:34], a minha grande referência do violão. Minha inspiração violinística. E outros tantos grandes, como o Luis Carlos Borges, Paulo pereira, João de Almeida Neto. Figuras que passavam pela minha casa e iluminavam a vida da gente, é... com música. Essa eu fiz pro Lúcio, uma composição que chama "Luciana". Lúcio, não.

Orador A: O [inint] [00:06:59] orquestra, o grupo, e uma [inint] [00:07:03] assim, não? Do lado do pai e ficava. Enquanto todas as crianças brincavam, é... ele ficava ouvindo música. Quando eu pegava o violão e... e... tava ensaiando, me preparando pra meu concerto, ele ficava do meu lado. Foi assim desde um ano de idade.

Orador B: Tem uma página da história do violão, acho que é inegável e que é... pra mim, pelo menos, é mais importante da história que foi a chegada do Lúcio [inint] [00:07:41] no nosso estado, né? Em oitenta e dois, na casa da minha família. Quando ele chega, o Lúcio chega tocando violão, de alguma maneira imitando [inint] [00:07:50]. O acordeão argentino. Então, muda totalmente o panorama da nossa escola. Então, a gente [inint] [00:07:59] essa coisa exuberante, mais exagerada da forma do Lúcio tocando. Acho que esse meio do caminho é muito positivo. A gente ter aquele sabor da música do litoral argentino, mas conservar de alguma maneira também a nossa coisa mais brasileira. Tem um idioma... um idioma comum, quer dizer, como... como o forró faz. Quer dizer, a... a teia que o forró faz, né? Através do Luiz Gonzaga, né? Eu acho que, de alguma maneira, o gauchismo se perdeu um pouco nisso, nesse... nessa convicção como a brasilidade. Sou gaúcho, [inint] [00:08:48], tem um lado bom disso, tem... tem... tem um lado confortável, né? De estar no teu rodeio, de fechar [inint] [00:08:56]. É uma coisa que naturalmente acontece. O gaúcho é... é... é muito mais... é mais pra dentro, é um tipo de música que a gente gosta. [inint] [00:09:10] respiração, é uma música que tem a ver com silêncio pra caramba, com a reflexão, com a taça de vinho, com a noite, com o frio. Às vezes eu fico com pena porque... porque é uma música que eu amo tanto e eu entendo, eu sou dali, só que não é uma música que é dividida aqui.

Orador C: Não chega.

Orador B: Não chega, né? Não consegue comunicar. As pessoas não entendem o tipo de sentimento. É um sentimento hispânico, é um sentimento latino, muito mais latino. É um sentimento de uma choradeira que não tem nada a ver com esse Brasil aqui que a gente tá vendo. O Brasil é feliz, é [inint] [00:09:50] por quatro. Um Brasil extremamente negro,

mulato, é outra coisa. O rio de Janeiro é essa... esse avatar, assim, né? Essa cidade que... difícil de ser inventada, né? Porque a coisa criada por Deus. A gente costuma dizer que Paris foi construído, né? Rio de Janeiro existe, de alguma maneira assim, né? É... sou um gaúcho meio despatriado, né? Que eu já moro aqui há uns doze anos. E aí o pessoal às vezes me pergunta, “por que você não vai morar fora do Brasil? Ter uma experiência internacional”. Eu respondo, “mais internacional que essa?” Pra mim, eu sou gaúcho. Pra mim, eu já moro nas Bahamas, assim. Me sinto pirata, praticamente, de tão longe que eu moro na minha terra. Eu vim... eu vim pro Rio atrás da música daqui. Eu vim atrás da linguagem do choro, sabe?

Orador C: Ah, é?

Orador B: É. Essa coisa de sabor, né? De... de tentar decifrar um pouco desse sabor que é, que é local daqui, tal. E...

Orador C: E você vai muito pra [centro] de choro?

Orador B: Até hoje eu promovo em casa, faço várias rodas em casa, convido as pessoas...

Orador C: Ah, é?

Orador B: É. Me alimento disso. Opa. A gente tá indo aqui num chinês onde eu compro algumas coisas. Aproveitar já a caminhada com você. Tudo bem? Pode entrar filmando?

Orador D: Não.

Orador B: Mas, assim, o máximo que eu consigo sair, assim, do meu país é morar no Rio de Janeiro. Aqui e o aterro, né? Que é a Praia de Botafogo. Ali tá o Pão de Açúcar, né? Atrás dessas árvores aqui. Aqui a vista é lindíssima. Eu adoro viver aqui, eu gosto muito desse lugar. Incrível, né? A gente se acostuma a... a não mandar na... na vida, né? Na própria vida. Então, depende muito. Agora, domingo que vem, tô indo pra Austrália. Acabei de chegar do Canadá, tive na;; na [inint] [00:13:43] que é uma ilha francesa do lado de Madagascar;

Orador C: Ah, é?

Orador B: É, tocando em festivais, fazendo show. Eu moro aqui há uns quatro anos. Morava na Lagoa antes. Eu prefiro morar aqui que é um bairro mais real, como a gente tava falando antes. E esse apartamento que eu moro tem uma história muito legal, que é um apartamento de músicos. Tá sempre acontecendo saraus nesse apartamento. [inint] [00:14:14].

Orador C: É mesmo?

Orador B: Os irmãos Assad. E... grandes músicos passaram nesse apartamento antes.

Orador C: [inint] [00:14:28].

Orador B: Não sei, divino. Coisa mais louca, né? Que moravam aqui músicos clássicos. E... enfim.

Orador C: [inint] [00:14:39]?

Orador B: Não. Nossa casinha, eu dou um jeito de... é... botar uma mesinha de... de bilhar, né? Porque ninguém é de ferro, de vez em quando tem que...

Orador C: Uma mesinha.

Orador B: É. E aqui a gente se diverte. Aqui fora tem um... um cantinho da churrasqueira. O monitor. E aqui eu fiz... fiz uma... isso aqui, na verdade, é um quarto que já existia na casa antiga, era o quarto onde ficava o piano de cauda da família. A... a... a matriarca aqui era pianista. Da pesada, tocava super bem, tal. Aí acabei reformando, tal, e fiz o meu... quer dizer, o meu canto, tenho uns colegas ali que... cada um tem uma história. Esse aqui... com a corda toda arrebitada. Esse aqui eu ganhei de um [inint] [00:15:30], construtor espanhol. Ótimo violão. “Você, Henriquez”. Gente finíssima, eu conheci na Alemanha. Olha só, esse aqui é... uma das teteias. É um violão que tem tanto, é... dividido, né? Tá vendo que tem umas partes mais branquinhas e outra... esse aqui é... é uma tentativa de misturar os dois sabores dessas madeiras, porque normalmente o som dessa maneira é um pouco mais escuro, mas tem mais a ver com a música popular. Esse tampo branco é totalmente clássico, assim. [inint] [00:16:31], ele tem mais agudo, tem mais brilho e mais... a... a curva de som dele é mais... é maior. Ele chega mais longe, tal. Um instrumento desse cara, cara canadense, eu tenho alguns. E quero ter mais porque são espetaculares. Aqui tem mais dois dele, ó. Esse aqui é o último que eu trouxe agora. Adoro os violões desse cara. Esse aqui tem mais a ver com violão de aço. Música folk. Pela construção. Então, esse cara, ele não é um [inint] [00:17:09] careta, digamos assim, por isso que eu gosto. [inint] [00:17:12] no meu camarim? Em novembro do ano passado, pouquinho antes de morrer. E um cara muito querido, então sentou, fumou um cigarro e começamos a falar. Ai achou o violão superlindo e tal. Aí perguntou, “por que essa linha?” Aí eu falei pra ele, “[inint] [00:17:33]”. Essa é estética do [inint] [00:17:36], enfim, não tem uma explicação sonora. E esse aqui é o meu primeiro violão de sete, de um mineiro.

Orador C: Quando que você decidiu tocar violão de sete cordas?

Orador B: Com... com... com dezessete anos.

Orador C: Tem alguma razão?

Orador B: [inint] [00:17:58] do Rafael Rabelo, total. Total. É... procurar aquela... aquela sonoridade mais grave, tal. E... enfim. Aí quando peguei, não teve jeito, né?

Orador C: Você [gravou] com ele?

Orador B: Não, não. Nem conhecia.

Orador C: Ah, você não conhecia o Rafael?

Orador B: [inint] [00:18:18]. Rafael morreu em noventa e cinco, se eu não me engano. Eu tinha quinze anos. Eu não tive tempo. Eu... eu conhecia a... a família dele, a Luciana Rabelo.

A primeira vez que eu vim tocar aqui no Rio de Janeiro... isso foi um ano depois da morte do Rafael, tinha dezesseis anos. Ela me levou pra casa dela, me mostrou partituras, me deu partituras do Rafael. Me mostrou o violão dele. Pra mim era como entrar no... [inint] [00:18:55], né? Que minha relação com ele é sempre essa, relação de sonho. O Rafael era um menino tradicional, tocava coisa de choro. Mesmo, assim, [dentro da linguagem], tocando [inint] [00:19:10] de sete cordas e tal. E... ele não se contentou só em tocar um de sete cordas. Ele queria também dominar a guitarra clássica. E como dominou, meu Deus. É... e... e... aí ele fundiu essa [inint] [00:19:22]. Ele fundiu com o violão no clássico, no concerto, ele fundiu com... com violão de sete cordas tradicional brasileiro. Aí também delinea, toda a... a nossa trajetória. Diz uma lenda sobre o sete cordas instrumentos, que ele é um instrumento que... aparentemente, é um instrumento que chegou da Rússia. Músicos que tocavam com Pixinguinha encontraram um grupo de ciganos tocando no [inint] [00:20:01], no Rio no início dos séculos. E eles [vieram] os russos tocando. E tinha um violão de sete cordas ali no meio. E já nessa época o Pixinguinha fazia aqueles contrapontos com o [inint] [00:20:12]. E um cara, é... pensou, “por que não fazer esses contrapontos com um violão com uma corda a mais?” E aí se criou essa escola. E aí veio o nosso grande cara, que foi o Dino, que criou, de fato, uma linguagem, mas uma fraseologia, uma... uma coisa típica. E se começou a desenvolver isso. Estive agora, dois meses atrás, na Rússia. Afinação é totalmente diferente. Quer dizer, é... é um instrumento extremamente eclético. Ele chegou num outro país e se inspirou num saxofone. Quer dizer, é um instrumento que não para. A linhagem dele vai. É uma corda a mais que... que... que te abre mil possibilidades. Eu acredito que a música, ela... ela... o papel dela é de juntar, sabe? É de juntar as pessoas, pelo menos, né? Tanto que eu não sou um cara estudioso, assim, de ficar tocando em casa. Não tenho a menor paciência. Só quando tem um concerto, claro, que tem que preparar, tal. Eu adoro tocar no aeroporto que tem gente passando. Eu tava tomando uma cerveja na Lapa, num [inint] [00:21:29] como a gente fala no Sul, num... num muretinho, assim, alto. Aí me chega um menino. Fala, “[inint] [00:21:38] e tal. Pô, eu adoro os teus discos de Dominginhos, eu sou sanfoneiro. E eu queria tocar uma música pra você”. Falei, “ótimo. Ué, mas e a sanfona?”, “Eu tô sem sanfona, mas vamos arrumar”. É. Aí ele saiu pela Lapa caminhando, assim. E depois ele me aparece com uma sanfona. Aí sentou e começou a tocar o choro do... do Dominginhos. Lindo. Aquela música da [inint] [00:22:08] assim, sabe? Aquela coisa cadenciada do Dominginhos. A respiração, assim. Eu fiquei louco, falei, “meu Deus, o quê que é isso?” Aí a gente se abraçou ali, naquela noite, e fomos dormir dez da manhã. Não paramos de tocar.

...

Fim da Transcrição 00:24:41